

Nigroover desnuda a alma em show mais intimista

Por Redação, 00:00 / 01 de Novembro de 2013



"Seminu" é uma abordagem mais minimalista da carreira marcada pela black music Nigroover: substantivo composto por aglutinação de niger (negro) e groover (provocador). Antes sinônimo da banda cearense surgida em 2008 movida pelo impulso de reler e valorizar os estilos clássicos da música de raiz negra, como samba-rock, funk, soul e afrobeat, o nome agora também passa a ser utilizado pelo vocalista e cabeça da banda como identidade comercial. Isso não significa que a banda tenha se dissolvido e Níger, hoje Nigroover, vá seguir em carreira solo, garante o próprio músico. As experimentações são outras, mas não ameaçam a existência do grupo. O cantor cearense de black music revê seu passado musical em show, hoje, no Sesc Iracema. Nesta sexta-feira, o Nigroover artista individual apresenta-se no Sesc Iracema com a produção "Seminu", um modo íntimo, introspectivo, pessoal e teatral de contar a própria trajetória de compositor. O que por si só já difere bastante do estilo empolgante e dinâmico que virou marca registrada da banda. Como o próprio nome do show aponta, o objetivo é desnudar a alma e o passado artístico de Nigroover, revivendo as primeiras experiências intuitivas de criação ao violão do cantor ainda adolescente e passeando pelos ritmos e tendências que povoaram a cabeça black power do músico mesmo antes da primeira subida ao palco. "Vai ter uma abordagem diferente para algumas músicas. Eu não vou usar a instrumentação que eu uso normalmente", adianta Nigroover. O espetáculo não é apresentado com a formação da banda, mas é co-produzido com o cantor e compositor cearense Jefferson Portela e contará com a participação do contrabaixista Milton Ferreira. De acordo com Nigroover, "vão ser três pessoas no palco fazendo com que o trabalho tenha outra cara". Isso significa instrumentação reduzida e apoio em aparelhagem eletrônica para criação de um clima mais íntimo ao público. Há, portanto, mais espaços para a voz e para a apreciação das letras com mais detalhe e apuro. "Tanto" e "Seminu" são mais ligados à letra, dá pra ouvir melhor, não tem mais dança", explica Nigroover, referenciando-se a dois shows distintos. O primeiro deles trabalha com as canções autorais da banda, como Juliana Contatempo, Bebê e D'Gata, e vem sendo apresentado em espaços culturais de Fortaleza desde 2010. Devidamente registrado e gravado, o material deve ser lançado como conclusão dos primeiros cinco anos de atividade do grupo. "Seminu" utiliza material autoral de mais de um CD, explica Nigroover. "Eu Sou Nigroover", o álbum mais icônico dos primeiros cinco anos da banda, é conhecido pelo forte estilo enraizado na black music, cujas canções são "mais para dançar", como o próprio artista define. Enquanto isso, "Tanto" é um CD para fechar o ciclo de músicas pra dançar, mas com mais letras, sem perder a identidade. "Consegui em Fortaleza ser referência não só na música negra, mas entrecruzar ritmos e estilos sem perder a originalidade", acredita Nigroover. Em meia década, a banda misturou influências de base como James Brown, Ray Charles, Tim Maia e Jackson Five aos estilos completamente não-familiares ao grupo, como a música praticada por Gorillaz, The Beatles e Ultraje a Rigor. Na busca pela legitimação da black music e afirmação negra, o artista pensa que os resultados já se mostram positivos quando bandas, como o Jota Quest, que começaram em ritmos como o groove, fazem o caminho de volta às origens.

Fonte: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/nigroover-desnuda-a-alma-em-show-mais-intimista-1.492702>

29.10.11 - NIGROOVER ABRE SHOW DE SEU JORGE EM FORTALEZA



No último sábado de Outubro a barraca Biruta em Fortaleza será palco de um dos maiores shows de 2011. No mesmo palco estarão dois expoentes da atual música negra brasileira. A atração principal é Seu Jorge, cantor e compositor carioca que traz o repertório do seu mais recente Cd, Música para churrasco Vol. 1 e grandes sucessos de sua carreira. A noite começa quente com a energia da performance de uma das maiores bandas da cena musical cearense: Nigroover traz um repertório especial para o palco da Biruta e promete uma apresentação vigorosa e descontraída nessa noite tão especial. Vai perder?!

Sexta, 21 Dezembro 2018 16:32

Cantor Ni Groover é um dos convidados do programa Almanaque Cultural

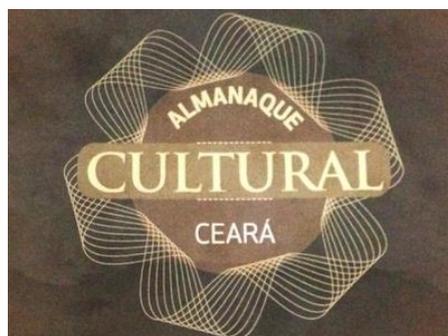
O programa Almanaque Cultural, da TV Assembleia (canais digitais 31.1 e 61.3), deste domingo (23/12) recebe o cantor, compositor e guitarrista Nigroover.

Carioca, radicado no Ceará há mais de duas décadas, o artista ganhou a atenção de público e crítica desde 2005, quando passou a fazer parte de bandas cover de Led Zeppelin, The Who, Jimi Hendrix, Eric Clapton, Cream e outros. Hoje é líder da banda que leva seu nome.

Fundada em 2007, a Nigroover se notabilizou por fazer versões para clássicos da black music e do sambarock. Em 2008 virou sensação da cena musical fortalezense, quando passou a ser atração fixa nas noites de sábado da boate Órbita Bar.

(...)

Apresentado pela jornalista Carla Soraya, o Almanaque Cultural vai ao ar quinzenalmente, aos domingos, a partir das 19h. A reprise acontece às terças-feiras, às 20h30.



Fonte: <https://www.al.ce.gov.br/index.php/ultimas-noticias/item/78844-20122018almanaquecultural>

Celebrando 25 anos de carreira, Ni Groover se prepara para lançar disco autoral ainda em 2019



TERESA MONTEIRO

teresamonteiro@opovo.com.br

Carioca filho de cearenses (mãe de Acaraú e pai da Capital), foi na Terra do Sol, de Iracema e Dragão do Mar que Ni Groover resolveu, por bem, aportar com sua música. “Cheguei em Fortaleza aos 14 anos e me tornei artista aqui. Por isso, me considero um artista cearense”, resume ele, que agora em 2019 celebra nada menos do que 25 anos de carreira, com fôlego renovado e, de quebra, muitos projetos na manga. Influenciado por compositores e artistas de diversos gêneros, o balanço do soul e da black music chegaram aos seus ouvidos ainda menino, dentro de casa.

“Essas influências são das tardes de final de semana na casa do meu pai. Ele ouvia muita coisa, eu sempre fui bom de ouvido e sempre ouvia coisas nas casas dos outros, principalmente - em casa, durante a semana, eu ouvia pouca música. Ouvia rádio quando a minha mãe ouvia e ela sempre cantou muito. Fui educado, musicalmente, ouvindo Roberto Carlos, Ataulfo Alves, Núbia Lafayette... Muita coisa a minha mãe cantava, lavando

roupa”, recorda o músico.

Da terra natal, Ni Groover herdou o interesse pelo samba. “Lá, eu passei exatamente daquela fase do samba raiz pro que ficou conhecido como pagode. Ouvia muito Roberto Ribeiro, Luiz Ayrão, João Nogueira e, ao mesmo tempo, por eles (os pais) serem cearenses, chegava muito em casa (os discos de) Fagner, Amelinha, Eliane... Mas essa música negra norte-americana sempre me encantou muito. Tudo o que eu podia assistir desses artistas, eu tentava ver e ouvir. E chegando aqui ao Ceará, eu tive contato com muitas outras informações, fora que, desde os nove anos eu também

sou beatlem

Com pas pela Cidadepositor seg desde 2010. eu comecei eu bato o es cabecear. M cro-empree então, tocar agradável, empresário, fazer conta mais tempo dificuldades todo artista eu não abrir car estilos c que eu não alguma cois

“(O disco) é esse manifesto contra todo tipo de autoridade, autoritarismo”

NI GROOVER, músico

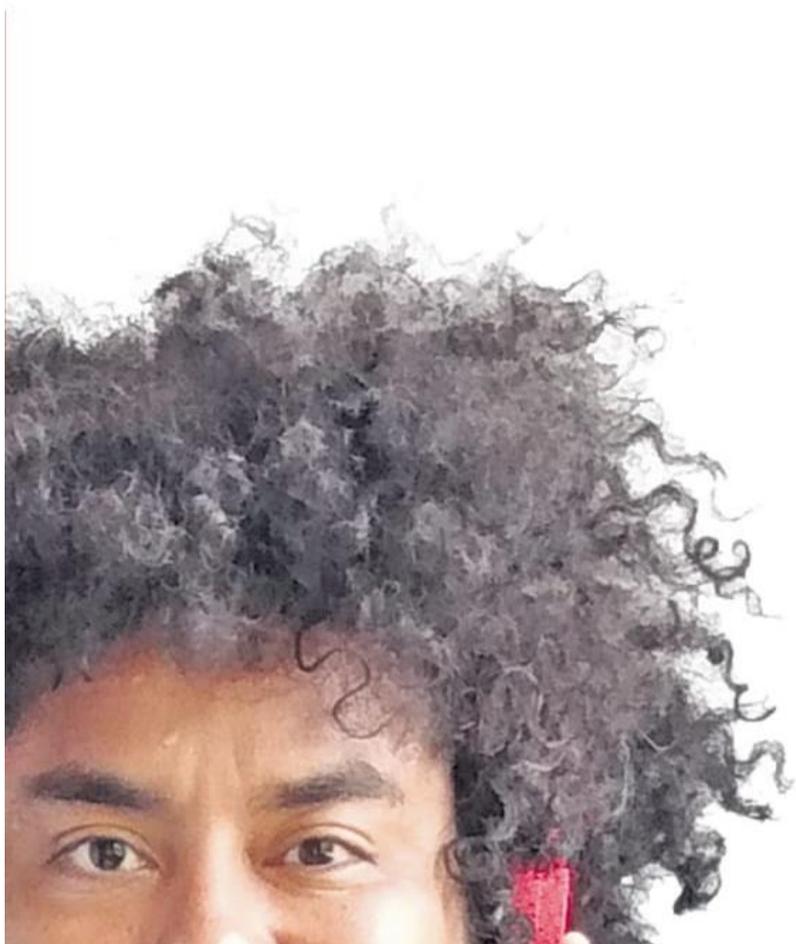


sou beatlemaniaco”, frisou.

Com passagens por bandas pela Cidade, o cantor e compositor segue em carreira solo desde 2010. “Há nove anos que eu comecei do zero e, desde lá, eu bato o escanteio e corro pra cabecear. Me tornei um micro-empresendedor individual, então, tocar virou a parte mais agradável, mais branda. Ser empresário, assinar contratos, fazer contatos, é o que toma mais tempo e hoje eu passo por dificuldades e perrengues como todo artista independente, mas eu não abriria mão disso pra tocar estilos que eu não gosto ou que eu não acredito. Se existe alguma coisa no meu trabalho

é coerência. E eu sou, antes de mais nada, um compositor”.

Com previsão de lançamento para o mês de setembro, Ni Groover está com as atenções voltadas para *DUBÊM*. O disco, com produção assinada pelo gaúcho Iuri Freiburger, reúne sete faixas que traduzem a pluralidade do músico ao longo desse tempo. Com participações especiais de Cláudio Mendes (guitarra, vocais e teclado) em todas as faixas, além de Lucas Guterres (guitarra), o time de músicos fica completo com as presenças de Hamilton de Castro (baixo), Felipe de Paula (bateria), Leandro ‘Marechal’ Rodrigues (percussões), Piter



Ernandis (trompete) e Carlos Henrique (saxofone).

“Esse meu momento novo tem a ver com a necessidade que eu vejo, hoje em dia, de falar de valor, de liberdade, sinceridade com o outro, de boa vontade, vibe positiva e combater qualquer forma de opressão e preconceito, de abuso, de desrespeito. Realmente, o *DUBÊM*, o título mesmo, é esse manifesto contra todo tipo de autoridade, autoritarismo. É o amor por si, pelo próximo e pelo ar que te rodeia. É um disco ‘do bem’ mesmo”, reforça o músico. “O disco é tão plural que tem um rock funkeado (*Por Dentro*) e até um samba-mântrico-esotérico-romântico (*Krishna*), além de uma homenagem ao público que me curte desde 2008 (*Pra te Ver*)”, complementa.

Para além do disco, Ni Groover tem encaminhado outros trabalhos. “Esse ano eu vou retomar alguns dos projetos dos quais eu fiz parte pra comemorar os 25 anos de carreira. Vou fazer um tributo/cover ao Led Zeppelin (Black Zeppelin), um outro show chamado *Roblactto* - após dez anos que eu fiz no Órbita Bar - e ainda uma banda de rock clássico e rock dos anos 1990, ainda sem nome definido, mas daqui para o final do ano vai rolar”, adiantou. “Os artistas pretos não estão cercados no pagode, na suingueira e nos tambores. Apesar de isso nos representar, sim, existe preto produzindo todo tipo de arte”, ressaltou.

